

O que fazem os grupos católicos LGBT no Brasil? Reflexões à luz da Teologia Pastoral

Edilson da Silva Cruz¹

Resumo: Este artigo descreve o trabalho pastoral realizado pelos grupos católicos LGBT no Brasil, que surgem como serviço eclesial às pessoas excluídas da Igreja e da sociedade por sua orientação sexual/identidade de gênero e, a partir de 2014, se organizam na Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT. Por meio de entrevistas com membros desses grupos, análise de suas publicações e de trabalhos acadêmicos a respeito, resgatamos os principais elementos de sua prática e demonstramos que esta se baseia na acolhida de pessoas LGBT em espaços de vivência comunitária da fé, como manifestação do ministério pastoral da caridade. Ao mesmo tempo, esta práxis contempla uma ação pastoral integral, que engloba os três ministérios fundantes da Igreja: ministério profético, ministério litúrgico e ministério da caridade como serviço e comunhão. Com esta pesquisa, buscamos colaborar com o necessário diálogo entre Igreja e as pessoas LGBTs, especialmente presentes em nossas comunidades, e que anseiam por espaços de vivência da fé não violentos e propícios ao seu desenvolvimento humano integral. Os grupos católicos LGBTs têm um potencial renovador para a relação entre Igreja e sociedade, atentos às urgências dos nossos tempos e em consonância com o magistério do Papa Francisco.

Palavras-chave: Grupos Católicos LGBT. Teologia Pastoral. Prática Pastoral. Igreja e Sociedade.

INTRODUÇÃO

“Se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?” Esta frase, mundialmente conhecida, foi proferida pelo Papa Francisco em sua viagem de retorno do Brasil a Roma, em 2013. Em sua atitude de serviço em relação às pessoas LGBT, o Papa questiona a suposta superioridade moral de quem julga e condena uma pessoa por sua orientação sexual, e traz à luz a existência de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais etc., que frequentam nossas comunidades, se engajam em grupos pastorais e buscam viver de acordo com o Evangelho.

Antes de 2013, porém, muitos LGBTs católicos já haviam iniciado um percurso de revisão profunda de sua pertença eclesial e afirmação como sujeitos na Igreja. Desde 2008, surgiram no Brasil grupos formados e protagonizados por LGBTs, que se reúnem para momentos de partilha, celebração, reflexão da Palavra e comunhão fraterna. Com apoio de alguns padres ou religiosas (os), esses grupos têm se constituído e fortalecido Brasil afora. Em 2014, uniram-se na Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, que conta hoje com mais de 20 grupos associados.

1 Mestre em Educação (Universidade de São Paulo), Doutorando em Educação (Universidade Federal de São Paulo). edilson.cruz13@unifesp.br

A existência de grupos católicos LGBT é uma resposta ao contexto social marcado pela violência para com esta população:

Há uma forte aversão a homossexuais, a homofobia; e a travestis e transexuais, a transfobia. Esta aversão produz diversas formas de violência física, verbal e simbólica contra estas pessoas. Há pais de família que já disseram: “prefiro um filho morto a um filho gay” (...) No Brasil e em muitos países são frequentes os homicídios, sobretudo de travestis. Há também o suicídio de muitos adolescentes que se descobrem gays ou lésbicas, e mesmo de adultos (...) Tal hostilidade gera inúmeras formas de discriminação e, mesmo que não leve à morte, traz frequentemente tristeza profunda ou depressão. (Lima, 2016, p. 119).

Apesar da presença de LGBTs na Igreja e da existência de diversos grupos que os agregam, setores da hierarquia católica ainda não reconhecem o trabalho *pastoral* realizado por estes grupos. Serra (2019) e Silva (2019) descrevem situações em que grupos foram instados a evitar o nome “pastoral”, ou proibidos de usá-lo, visando não confundir-se com instâncias oficiais da Igreja. Este fato nos leva a indagar: o que fazem os grupos católicos LGBT? Suas ações podem ser definidas como *pastorais*?

Eis as perguntas que norteiam esta reflexão. A partir da proposta de Brighenti (2011), descrevemos o trabalho realizado por estes grupos à luz da Teologia Pastoral. Nosso intuito é colaborar com o necessário diálogo entre Igreja e as pessoas LGBTs, especialmente presentes em nossas comunidades, e que anseiam por espaços de vivência da fé não violentos e propícios ao seu desenvolvimento humano integral.

1 O QUE FAZEM OS GRUPOS CATÓLICOS LGBT?

Os dois relatos abaixo, aos quais tivemos acesso em nosso trabalho de assessoria na Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, descrevem algumas das práticas de dois desses grupos, um de Iguatu (Ceará) e outro de Curitiba (Paraná):

Nos nossos encontros mensais, a gente sempre inicia com a **oração do Ofício Divino das Comunidades** (...) e depois a gente sempre abre para uma discussão, uma introdução no tempo litúrgico que estamos vivendo, ou em algo do momento, é uma discussão sobre um assunto daquele mês (...) ultimamente a gente tem um segundo encontro, que é **um encontro da gente aproximar mais os vínculos**, para além do encontro, conhecer as realidades pessoais de cada um. A gente tem outra instância de encontro que acontece uma vez por ano que é nossa assembleia geral, é **um momento de retiro e formação** e que nessa assembleia geral a gente **elege** a coordenação

(...) A gente faz desse encontro anual essa conexão: **a oração** (...) mas também a questão formativa (...) e é uma oportunidade de celebrar a eucaristia todo mundo junto. A gente caminha nessa espiritualidade.

A gente tem uma inserção muito grande nas pastorais sociais (...) Então tudo que vai ter, que tem envolvimento das pastorais sociais, nós **somos convidados para participar, para falar**, envolvidos em tudo. Na paróquia (...) nós participamos da reunião do Conselho Pastoral, somos muito respeitados. (...) as reuniões [do grupo] acontecem uma vez por mês e fazemos uma divisão semestral (...). A gente separa os meses, já coloca **os temas que serão trabalhados e definimos as pessoas que vão conduzir o momento**, entre nós ou convidados. (...) Depois a gente toma o café após o encontro (...) e a gente tem a previsão de **fazer uma assembleia** uma vez por ano e a coordenação também vai ter esse rodízio.

Como vemos, ambos os grupos fazem reuniões periódicas que viabilizam uma **vivência religiosa comunitária**, em torno de práticas de formação, celebração, fortalecimento de vínculos e planejamento. O grupo de Iguatu, além disso, define em seu estatuto seus objetivos:

Atuar na **construção de espaços saudáveis de expressão da diversidade sexual** e de gênero na sociedade e na Igreja Católica Apostólica Romana, **lutando** contra todas as formas de opressão, preconceito e discriminação;

Realizar atividades pastorais voltadas para o acolhimento e inclusão das pessoas LGBT na Igreja, Povo de Deus, e na sociedade em geral;

Promover **iniciativas voltadas ao respeito e aceitação de outras denominações religiosas**, fomentando espaços ecumênicos e inter-religiosos;

Incluir o tema do enfrentamento às discriminações de gênero, orientação sexual, raça/etnia, território e classe nos processos e momentos organizados pelo grupo, construindo pontes com outras bandeiras de luta;

Dialogar com o Magistério a construção de uma Teologia da diversidade, como um desdobramento da Teologia da Libertação;

Percebe-se que o grupo se constrói em torno da ideia de **acolhida** de pessoas LGBT e suas famílias, abrindo-se à vivência religiosa e ao diálogo com a Igreja e com grupos e movimentos que buscam transformações sociais. O mesmo pode ser percebido no discurso de

outro grupo, da cidade de São Paulo, o MOPA (Movimento Pastoral LGBT Marielle Franco), que assim define seu estatuto da ação:

Missão: Acolher pessoas LGBT e suas famílias, em espaços de **reflexão, vivência** da espiritualidade e **promoção humana** integral.

Visão: Ser referência como **espaço de acolhida e vivência pastoral**, em comunhão com a igreja e diálogo com os movimentos sociais.

Valores: Diversidade, **Acolhida**, Ecumenismo, Espiritualidade Libertadora.

Objetivos: Consolidar-se como grupo pastoral na **acolhida** de pessoas LGBTs;/ Ampliar o **diálogo com outros grupos, pastorais e movimentos**;/ **Contribuir** com o trabalho em rede dos Grupos Católicos LGBT do Brasil;/ Ampliar a discussão sobre **políticas públicas** para população LGBT na cidade.

Percebemos que esses grupos estão abertos à vivência da **comunhão**, seja internamente à Igreja e ao campo religioso, seja em relação à sociedade, o que pode ser verificado também em Araújo (2014, p. 16), referindo-se ao grupo Diversidade Católica, do Rio de Janeiro, o primeiro a surgir no Brasil:

À proporção que foi se consolidando, o Diversidade Católica assumiu um caráter de “**comunidade**”, que **cultiva uma vivência coletiva de fé e espiritualidade**. (...) As reuniões, por sua vez, acontecem num ritmo que varia entre o mensal e o quinzenal, e não é nada incomum haver a recorrente participação de novas pessoas, que, após terem conversas prévias com algum dos membros do grupo, são levados a uma primeira visita, em que geralmente **contam as suas trajetórias, falam de eventuais sofrimentos e angústias e recebem**, na medida do necessário, **ajuda** dos membros mais antigos, que também **relatam** as suas experiências e **dizem** do modo como conciliam a vivência católica e a sexualidade gay. Após esse momento de conversa inicial, as reuniões se transformam em **espaços de debate** sobre questões relacionadas à vivência da fé católica, sob a perspectiva da Igreja e da teologia. Em seguida, há a **celebração de uma missa** com os participantes (p. 16, negritos nossos).

Por sua vez, Serra (2019, p. 35), ao discutir “as estratégias de permanência na Igreja desenvolvidas pelos grupos de ‘católicos LGBT’ brasileiros”, traz à luz a ênfase na dimensão afetiva da vivência sacramental que se verifica nas liturgias do Diversidade Católica do Rio. Em depoimento à autora, um dos membros relata:

As reuniões eram muito afetivas no sentido de que as pessoas chegavam magoadas, marcadas, feridas por isso. Uma coisa importantíssima era a questão da *celebração da missa* no Diversidade Católica.

Todo mundo relatava como uma **experiência fortíssima afetiva o celebrar a missa naquele contexto de afirmação da sexualidade** (p. 180, negritos da autora, itálicos nossos).

Já Silva (2019), ao pesquisar “o ativismo religioso de grupos pastorais católicos formados por pessoas LGBT” (p. 5), destaca o trabalho de diversos desses grupos que focam “no **acolhimento pastoral**, oferecendo espaços de fé e sociabilidade” (p. 35), contribuindo para a “formação de laços afetivos e a **criação de espaços** para uma espiritualidade não violenta a pessoas católicas LGBT” (p. 43).

Ao analisar estes relatos, percebemos que a prática dos grupos católicos LGBT se baseia na **acolhida** de pessoas que estão, de certa forma, em conflito entre sua sexualidade e sua pertença religiosa, afastadas ou não da Igreja; no **testemunho** de vida partilhados comunitariamente; no **diálogo** com a Palavra de Deus e o ensinamento da Igreja e na **celebração** litúrgica, que sintetiza um processo de redescoberta da fé.

Para compreender as implicações dessas práticas, é preciso situá-las como ação de leigos e leigas, motivados por seu batismo, em comunidade e em diálogo com a Igreja, visando construir o Reino de Deus no mundo. É aqui que nos aproximamos da Teologia Pastoral como caminho para compreender a prática dos grupos católicos LGBT no Brasil.

2 CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA PASTORAL

Agenor Brighenti (2011), em seu livro *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé* (2011), faz um histórico da Teologia Pastoral, disciplina que surgiu há pouco mais de dois séculos e se ocupa diretamente da reflexão da fé aplicada à ação concreta dos cristãos no mundo, visando construir o Reino de Deus. A Igreja, Povo de Deus, é a comunidade onde brotam os diversos ministérios e serviços que a edificam, na caminhada para o Reino. Desde o Concílio Vaticano II, não mais se compreende a ação eclesial como responsabilidade apenas do clero, mas de todos os fiéis.

Nesse sentido, *pastoral* se define como “o exercício, por parte de cada batizado, no interior de uma comunidade eclesial inserida no mundo, do *tria munera ecclesiae* (os três ministérios fundantes da Igreja) – o ministério profético, o ministério litúrgico e o ministério da caridade” (p. 11)².

O *Ministério Profético* tem como função “levar os interlocutores da ação evangelizadora a se conectarem com o evento da revelação – a Palavra feita carne em Jesus Cristo”, pela mediação do *testemunho* (a forma de viver que atesta a veracidade e fecundidade do evangelho), do *anúncio* (explicitação da fé aos interlocutores, respeitando sua liberdade e consciência), da

2 Nesta seção, todas as referências são de Brighenti (2011); por isso, indicamos entre parêntesis apenas a página, quando de citações diretas.

catequese (itinerário de formação permanente na fé, mediado pela comunidade) e da *teologia*, (reflexão da fé com auxílio dos instrumentos da razão, cujo sujeito é a comunidade eclesial).

O *Ministério Litúrgico* abarca a ação simbólica e ritual da Igreja, enquanto “o serviço da esperança, na medida em que ela antecipa, na fé, aquilo que se espera” (p. 107), mediante a *celebração dos sacramentos*, tendo a Eucaristia como ápice; a *oração litúrgica comunitária*; a *pregação/homilia*, como “atualização da Palavra de Deus feita pelo presidente de uma celebração litúrgica diante da assembleia” (p. 108); e a *piedade popular*, que abarca o conjunto de devoções e práticas populares.

O *Ministério da Caridade* ou *pastoral do serviço e da comunhão* diz respeito a duas práticas distintas. *Serviço é colocar-se a disposição dos outros em atividades ad intra*, internas à comunidade (ministérios, serviços litúrgicos, coordenação e presidência da comunidade, formação da fé, caridade etc.) e *ad extra*, externas (serviços de solidariedade aos oprimidos, pastoral social, ações caritativas e sociotransformadoras etc.). Já a *comunhão* visa reconstruir laços fraternos entre os seres humanos e também se manifesta *ad intra* (acolhida aos mais pobres, promoção interna de participação e igualdade, valorização da pluralidade e diversidade) e *ad extra* (promoção do ecumenismo, da solidariedade entre os povos, defesa da Casa Comum etc.). A dimensão eclesial da comunhão se realiza especialmente através da igreja local. É importante ressaltar que é o polo da caridade que articula dialeticamente os três ministérios.

A partir deste esquema sintético, percebemos que nossas comunidades cristãs, com seus grupos, pastorais, movimentos e estruturas encarnam o todo da ação pastoral da Igreja, cuja prática dos fiéis “se prolonga no engajamento histórico, enquanto cidadãos, na perspectiva de um mundo justo e solidário para todos, expressão imanente do Reino escatológico de Deus” (p. 12).

Propomos, a seguir, uma interpretação sobre o trabalho pastoral dos grupos católicos LGBT a partir do esquema de Brighenti (2011).

3 AÇÃO PASTORAL DOS GRUPOS CATÓLICOS LGBT

Os grupos católicos LGBT estruturam seu trabalho pastoral em torno da **acolhida de pessoas LGBT em espaços de vivência comunitária da fé**, que ressignificam sua experiência religiosa e eclesial. Esta prática manifesta a dimensão **ad intra do ministério da caridade**, uma vez que se trata de serviço eclesial voltado, em princípio, às pessoas LGBT católicas em conflito com suas identidades sexual/de gênero e religiosa e/ou afastadas da comunidade cristã em decorrência disso. Ademais, estes grupos têm o potencial de vivenciar uma **prática pastoral integral** que engloba os três ministérios fundantes da Igreja: ministério profético, ministério litúrgico e ministério da caridade como serviço e comunhão.

Do ponto de vista do ministério profético, **os grupos católicos LGBT realizam um processo de evangelização inculturada da fé**, cujo fruto é a renovação pessoal de cada

membro e, por consequência, de toda a Igreja. A pedagogia de Emaús (Lc, 24, 13-35) expressa esse processo: o encontro no meio do caminho; o espaço para falar das próprias angústias; a escuta do ensinamento do Evangelho, na perspectiva de descobrir Deus nas vítimas; a abertura interior que faz arder o coração e que desemboca em uma vivência da eucaristia como espaço afetivo de reconhecimento do Cristo Ressuscitado. Além disso, identificamos a prática do *testemunho*, mediante a interação com a experiência religiosa dos membros mais antigos; o *anúncio* como *querigma*, que ajuda a ressignificar a compreensão sobre Deus e os conteúdos da fé; a *catequese*, presente nos momentos de discussão da vida em diálogo com a Igreja; e a *produção teológica* de caráter pastoral.

Do ponto de vista profético, portanto, os grupos católicos LGBT são **espaços de evangelização que propiciam um reencontro com a fé, afastam compreensões violentas de Deus e impulsionam uma caminhada de aprendizagem e prática renovada de evangelização**. Essa renovação se manifesta na emergência de uma “eclesiologia da diversidade”, na qual “põe-se a exegese – isto é, o conhecimento e interpretação dos textos sagrados – a serviço da eclesiologia” (Serra, 2019, p. 196) e de um ativismo cristão que reafirma a condição de sujeito de leigos e leigas (Silva, 2019).

Do ponto de vista litúrgico, nestes grupos, **as práticas de oração e celebração da Eucaristia estão a serviço da experiência de evangelização**, o que se manifesta pelo caráter afetivo que uma missa adquire no contexto das reuniões dos grupos (Serra, 2019, p. 180). A prática litúrgica é um meio para se atingir o fim almejado: a acolhida e vivência religiosa comunitária. Nas celebrações mencionadas, há também o espaço para a pregação/homilia, a qual, em geral, é vivenciada como *partilha da palavra*, ou seja, diminui-se a centralidade do presidente da celebração e se dá mais protagonismo ao diálogo entre os sujeitos, a partir do confronto entre suas experiências e a Palavra proclamada.

Do ponto de vista do ministério da caridade, além do sentido de ser dos grupos como prática de serviço *ad intra*, baseada na acolhida aos cristãos e cristãs LGBT, identificamos o potencial de serviço *ad extra*, ou seja, “ações eclesiais, em colaboração com todas as pessoas de boa vontade, em prol da edificação do Reino de Deus” (Brighenti, 2011, p. 134). Aqui se incluem as discussões de pautas vindas de movimentos sociais, em especial o LGBT, em torno de direitos e cidadania em todos os âmbitos; a possibilidade de colaboração com poderes públicos; a construção conjunta de ações com coletivos e movimentos que militam nessas e outras causas contra opressões históricas (racismo, machismo) etc. Com isso, explicita-se também a dimensão da *comunhão*, presente nas práticas que visam favorecer laços afetivos e a sociabilidade entre os membros dos grupos, planejar coletivamente as ações, com outros grupos católicos LGBT, vivenciar o ecumenismo, cooperar com movimentos sociais, etc.

Portanto, torna-se evidente para nós **a fecundidade do trabalho pastoral dos grupos católicos LGBT**, os quais, se tomados em sua globalidade, abarcam todos os ministérios fundantes da Igreja, conjugados a partir do polo da caridade, mediante a acolhida como serviço *ad intra* voltado às pessoas LGBT. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que a dimensão

profética da acolhida se sobressai. A principal pauta dos encontros diz respeito aos testemunhos dos seus participantes sobre o processo de ressignificação da fé, vivenciado como um querigma: o anúncio da Boa Nova do Evangelho que permite um encontro com Jesus Cristo, gerando processos libertadores. Assim, a acolhida praticada pelos grupos tem a forma de serviço *ad intra*, dentro do ministério da caridade, ao passo que seu conteúdo é fundamentalmente profético, pois diz respeito a esse processo de anúncio, aprendizagem e construção de novos saberes e práticas de fé.

CONCLUSÃO

Neste texto, demonstramos que os grupos católicos LGBT, ao vivenciarem uma prática pastoral integral, existem como verdadeiras **comunidades eclesiais**, capazes de um agir pastoral completo, multidimensional, articulado, em comunhão com a Igreja e potencialmente renovador do ponto de vista eclesial. Entendemos *comunidades eclesiais*, como “uma nova experiência eclesiológica, um renascer da própria Igreja, e por isso uma ação do Espírito no horizonte das urgências de nosso tempo” (Boff, 2008, p. 18). Assim como nas CEBs, nos nossos grupos católicos LGBT também se experimenta uma

participação mais vital e íntima de seus membros, inseridos numa mesma realidade mais ou menos homogênea, vivendo a essência da mensagem cristã que é a universal paternidade de Deus, a fraternidade com todos os homens, o seguimento de Jesus Cristo morto e ressuscitado, a celebração da Ressurreição e da Eucaristia e a construção já iniciada, na história, do Reino de Deus, que é de libertação do homem todo e de todos os homens. (Boff, 2006, p. 32).

A preocupação de alguns setores da hierarquia quanto ao nome “pastoral” e sua intervenção a respeito, não impedem a fecundidade da ação dos grupos católicos LGBT. Como leigos, protagonistas de nossa fé, somos parte da Igreja, nos abrimos ao diálogo pastoral e assumimos a inspiração de Pentecostes: uma prática eclesial renovada, em diálogo com as “urgências do nosso tempo” e *em saída*, como pede o Papa Francisco (EG, 2013). Portanto, fazemos trabalho pastoral e nos assumimos como “sinais de contradição” (Lc 2, 34-35), a partir dos quais toda a Igreja é convidada a reavaliar suas práticas e abrir-se, misericordiosamente, para sua própria conversão pastoral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. S. *O amor de Cristo nos uniu: construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo Diversidade Católica*. Viçosa (MG): Universidade Federal de Viçosa, 2014. (Dissertação de Mestrado).

BOFF, L. *Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BRIGHENTI, A. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Siquem/Paulinas, 2011.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium [EG]. A Alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.

LIMA, L. C. Os LGBT e o pontificado de Francisco. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p.117-143, jan/abr, 2016.

SERRA, C. *Vimos pra comungar: os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

SILVA, J. B. *Um lugar à mesa: estudo sobre a produção pastoral do ativismo “católico LGBT” brasileiro*. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 2019. (Dissertação de Mestrado).